

As eleições presidenciais e a convergência da direita

Mauro Santayana (*)

Porta-voz do governo do general Médici, que foi o mais amedrontador período da vida brasileira, o general Otávio Costa retorna desse passado com um projeto político. Não se negue ao oficial os benefícios da inteligência. "Ghost-writer" do presidente, teve a oportunidade de, a seu serviço, empregar grande parte da cultura alemã, que soubera assimilar. Não exatamente a cultura que expressaram Goethe e Schiller, Weber e Sombart, mas aquela que teve sua aplicação prática com o dr. Goebbels. Se tivéssemos sabido apreciar os seus méritos, ainda estaríamos naqueles tempos formosos do "Amé-o ou deixe-o", com os estádios cheios de torcedores e as prisões plenas de torturados.

Mas é seu direito participar da vida política nacional. Essa é uma contingência da democracia, que instalamos no País, apesar do general e de seus parceiros nas idéias e no poder. E até salutar que, sinceramente ou não, declarem-se convertidos às regras do jogo constitucional e disputem o poder nas urnas. A democracia só se robustece no confronto aberto das idéias, e se o sr. Otávio Costa e seus amigos as têm, que as tragam para as ruas. Mas há uma requisição da inteligência nacional ao movimento que ele articula: a de que se identifique tal como é, e não procure dissimular-se. Basta ler os nomes que acompanham ou pretendem acompanhar o seu idealizador (tendo-o, é óbvio, como a principal referência) para saber que sua ideologia é claramente de direita. Por que a dissimulação? Por que não assumem, ele e os seus correligionários, a sua verdadeira identidade?

O Brasil necessita urgentemente de um partido de direita. Sem ele sofremos essa infiltração de homens de pensamento totalitário em agremiações que se apresentam ao eleitor com

programas liberais. Aliás, o general Otávio Costa não tem dificuldades em encontrar entre os candidatos à Presidência da República o de seus sonhos. Estão todos aí, desejosos de pensadores que, com seu talento, possam colocar em boa linguagem a sua secreta "Weltanschauung". Faz falta a homens como Maluf e Jânio, Silvio Santos e Ronaldo Caiado, a assessoria de estudiosos dedicados, como é o ex-chefe da Assessoria de Imprensa e Relações Públicas do general Médici. Ele e outros intelectuais de direita devem sentir-se frustrados, porque escassa tem sido a sua oportunidade de influir com seu saber nos governos civis. Se essa possibilidade lhes é remota na democracia, há, pelo menos, o consolo de que podem inspirar os candidatos de pensamento totalitário. Há alguns, como o sr. Silvio Santos, que confessou, publicamente, a sua disponibilidade para exercer, sob tutela militar, uma ditadura de direita. Para o sr. Otávio Costa e outros inte-

lectuais (civis, é bom que se diga) que participam de seu credo político, trata-se de "duce" ideal: é um vasto e adubado terreno virgem, pronto a receber as sementes de Sorel e Maurras, de Marinetti e D'Annunzio, de Lugones e Schmitt — desde, é claro, que possam ser traduzidas em um português de mil palavras.

Mas não usem a bandeira do centro. O centro é outra coisa. A sua razão é liberal, é a do respeito absoluto às regras da democracia, é a da incessante busca da justiça, é, finalmente, a do sagrado sentimento de liberdade. A herança do centro é a que nos deixou Tancredo — não a que nos vem, via general Otávio Costa, do presidente Médici. A idéia do centro é majoritária neste país, cujo povo deseja viver em paz, na construção trabalhosa de seu futuro. O centro, como expressão política, reclama sindicatos livres, jornais sem censura, partidos políticos abertos, parlamentos respeitados.

Essas idéias do centro foram claramente expostas por Tancredo, sobretudo na histórica entrevista coletiva que concedeu aos jornalistas depois de eleito presidente da República. O centro não é o imobilismo. Ao contrário, é o progresso social, a democratização das oportunidades, o desenvolvimento econômico em benefício de todos, o respeito ao talento criador dos homens, o pluralismo político, a defesa, até o sacrifício, dos bens nacionais, da soberania do País.

O Brasil tem buscado esse centro, durante a história. Para frustrá-lo nessa procura, atuaram as forças da direita que, não admitindo a sua derrota nas urnas, sempre conspiraram para assassinar a democracia. Assassinar a não só com o regime policial, mas também com a submissão ao estrangeiro. Estamos hoje, graças à política econômica dos que mandaram no governo Médici — chefiados pelo poderoso vizir que foi o sr. Delfim Netto —, submetidos a humilhado-

ras negociações da dívida, espoliados dos resultados de nosso trabalho. Só no governo Sarney pagamos mais de US\$ 50 bilhões de juros desse débito infernal, contraído sob condições draconianas e violadoras de nossa soberania.

No fundo é todo esse quadro que os homens da "Convergência" desejam. Porque é preciso separar os que se encontram na direita daqueles que são simplesmente conservadores. Ainda que pretendam manter os seus privilégios, nem todos os conservadores ansiavam por uma ordem estabelecida pelo terror, nem uma política exterior rastejante.

Há alguns, no entanto, que se deixam enganar pelo autoritarismo, não percebendo que estarão, como estiveram tantos empresários deste país, submetidos, como os trabalhadores, às mesmas engrenagens do arbítrio. Quantos deles não foram empurrados à falência, quando não ao suicídio?

Mais alguns meses e te-

remos a eleição para a Presidência da República. Se o Partido da Frente Liberal optar por um candidato que reúna os saudosistas daqueles anos, que o faça. Isso será bom para o processo político, porque poderemos identificar melhor o centro e a esquerda.

Em política, a única referência de algum valor é a do passado. Por isso é duvidoso que homens como Areliano Chaves e Antônio Ermírio de Moraes embarquem nesse projeto. Quem traduziu "slogans" e idéias do "Voelkischer Beobachter" já demonstrou que deuses venera. Assuma-os, pois, no debate político. É possível que, com algum esforço, esses "centristas" da direita consigam eleger um ou dois deputados, nas eleições de 1990. Afinal há votos, não muitos, é certo, disponíveis para essa postura ideológica. O sr. Plínio Salgado sempre os teve — e não deixou herdeiros competentes.

(*) Jornalista e escritor.